

Paisagens híbridas: abstração e mimese, ornamento e delito

Antonio Grillo *

RESUMO: O trabalho investiga a dialética entre edifício e vegetação na contemporaneidade, buscando identificar e analisar algumas tendências projetuais que nos parecem caracterizar um processo de crescente hibridização da paisagem. Sob um primeiro ponto de vista, o trabalho detecta uma tendência à mimese frente à abstração: a adoção de estratégias conciliatórias na relação do objeto construído frente à paisagem natural, em detrimento da valorização do objeto artificial sobre ela, estratégia marcante na arquitetura moderna. Sob um segundo ponto de vista, detecta a tendência a uma incorporação desinibida da vegetação no edifício, e a relaciona à concepção de ornamento e delito na arquitetura. Em ambos os casos, nos deparamos com estratégias projetuais que denotam um incremento do referencial natural na arquitetura e uma inquietante dialética entre artifício e natureza, que nos sugere um questionamento do estatuto de artificialidade como valor arquitetônico, estatuto sobre o qual se projeta a sombra da dominação do homem sobre a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, paisagem, natureza, mimese

ABSTRACT: The paper investigates the dialectics between building and vegetation in contemporaneity, aiming to identify and analyse some project tendencies that suggest an increasing hybridization of the landscape. In the first case, detects a tendency to preponderance of mimesis front of abstraction: the adoption of conciliatory strategies in the relationship between the built object and the natural landscape, in detriment of the evidence of the artificial object on nature. A second point of view detects a uninhibited incorporation of vegetation in the building, and relates it with the concept of ornament and crime in architecture. In both cases, we are faced with project strategies that denote an increase of the natural reference on architecture and an unsettling dialectic between artifice and nature, which seems to question the status of artificiality as architectural value, status over which incides the shadow of man's domination over nature.

* Arquiteto, Doutor em Teoria e História da Arquitetura pela ETSAB/UPC, Barcelona. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

KEYWORDS: architecture, landscape, nature, mimesis

Introdução

No último século, a ecologia ampliou radicalmente suas fronteiras culturais, do âmbito das ciências biológicas para diversas áreas do conhecimento, crescendo em importância e incorporando-se progressivamente no cotidiano das relações sociais, econômicas e políticas, alcançando assim um status paradigmático na cultura contemporânea. Frente à questão ecológica, a arquitetura destaca-se como questão de grande importância, tanto pela questão do consumo de energia, como também por ser a indústria da construção uma das mais impactantes ao meio ambiente.

Podemos distinguir no campo da arquitetura duas frentes de lidar com o problema da ecologia e da sustentabilidade. Uma, de viés mais prático, objetivo, lidando com questões como a eficiência energética e o conforto ambiental. Outra, operando em um nível mais subjetivo, lidando com o potencial simbólico da arquitetura. Trataremos, nesse trabalho, de algumas estratégias projetuais nessa segunda vertente, estratégias que promovem importantes questionamentos sobre a relação entre arquitetura e natureza, e que nos parecem atuar como indutoras de uma renovada reflexão sobre o tema.

O edifício na paisagem: abstração e mimese

Gregotti (1996), ao construir suas ideias sobre território e arquitetura, parte da concepção de Heidegger que situa a origem da arquitetura na ancoragem da primeira pedra no chão para reconhecer um lugar. Isso definiria a relação com o lugar como o primeiro argumento da arquitetura. Gregotti (1967) observa ainda que não se trata do fato de colocar uma pedra sobre outra pedra, mas de colocar a pedra sobre o terreno, ou seja, de instituir o signo da presença, do descobrimento. Nesse sentido, a primeira identidade da arquitetura é dada por sua relação dialética com a natureza, uma identidade oponente, construída a partir de uma alteridade com a natureza.

A instauração de um marco artificial no meio natural, gerando uma imagem contrastante entre figura e fundo, permanece como uma das estratégias projetuais mais frequentes ao lidar com uma paisagem não edificada. Quando se trata de uma arquitetura de qualidade, tal procedimento logra alcançar uma valorização não apenas do objeto como da paisagem no qual se insere. A Casa da Cascata, de Wright, é um exemplo paradigmático, mas nada raro. Poderíamos citar, entre os vários exemplos mais recentes, a torre de Collserola, de Norman Foster, em Barcelona, o cemitério de Finisterre de Cesar Portela, na Galícia, ou o cubo de Murten, de Jean Nouvel, na Suíça.

Nestes casos, a cascata, a montanha, a praia, o lago, passam a transcender seu caráter ordinário e abandonam o anonimato. Ressaltamos, entretanto, que essa estratégia parece se sustentar, essencialmente, na valorização do objeto em relação à paisagem, na evidência da instauração do marco humano sobre ela.



Figuras 1, 2, 3: Casa da Cascata, Frank Lloyd Wright. Cemitério de Finisterra, Cesar Portela. Monolito do Lago de Murten, Suíça, Jean Nouvel.

Configurando outra polaridade de abordagem conceitual de projeto, temos uma estratégia geral de caráter mimético, de dissolução da obra na paisagem. As arquiteturas que a adotam parecem fazê-lo sob uma perspectiva conciliatória, ou mesmo submissa, dos valores da arquitetura frente aos da paisagem natural, atenuando a intenção de evidência da intervenção construída. Nessa postura, é frequente incidir uma carga romântica ou pitoresca no trato com a natureza. Entretanto, em outras arquiteturas que operam com esse mesmo viés mimético, parece evidenciar-se uma postura mais crítica e “ruidosa”. Isto ocorre em algumas das denominadas arquiteturas topográficas: projetos que se conformam segundo a topografia natural ou que se simulam como tal, gerando uma nova topografia artificial sobre a paisagem. Nesse caso se incluem algumas obras significativas da arquitetura contemporânea, como a Cidade da Cultura de Peter Eisenman na Galícia, o Volvano Buono, de Renzo Piano na Itália, e alguns dos projetos de Zaha Hadid.



Figuras 4, 5, 6: Peter Eisenman: Cidade da Cultura, Galícia. Zaha Hadid: Plaza de las Artes, Barcelona. Renzo Piano: Volcano Bueno, Nápolis

Na opinião de Rafael Moneo (1999), essas arquiteturas refletem um desejo oculto de aproximação à natureza. Mais que refletir um desejo de aproximação, elas nos parecem sugerir um desejo de conciliação com a natureza, especialmente se consideramos a essência que se atribui à atitude oposta, a da instauração do marco artificial na paisagem como registro de conquista, de domínio. Nesses casos, há uma consideração do referencial topográfico como parte integrante da concepção formal do objeto, e não a premissa da natureza como pano de fundo para instalação de uma obra com ela contrastante. Arriscamo-nos a considerar essa postura como reflexo de uma superação da tradicional perspectiva de dominação da natureza, postura que caracterizou o espírito do homem moderno, e que vem sendo questionada na contemporaneidade, em autores como David Harvey, Felix Guatarray, ou Michel Serres.

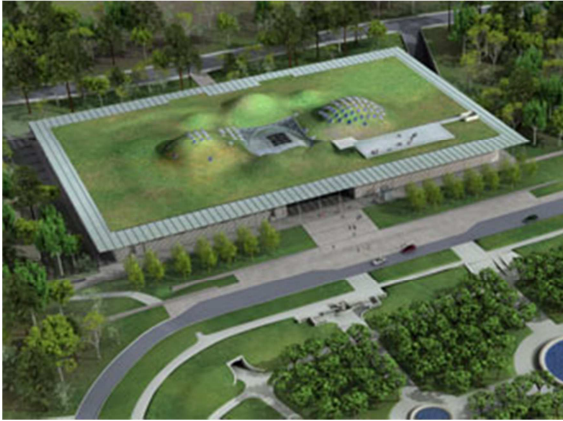
O verde no edifício: ornamento e delito

A mesma dialética entre natureza e artifício a percebemos em outra estratégia mimética especialmente presente no contexto urbano: o aumento de projetos que incorporam de maneira radical e desinibida a vegetação no edifício, o que aqui denominamos arquiteturas verdes. Essa atitude, até poucos anos adotada por raros arquitetos de renome, como Emilio Ambasz ou grupo americano SITE, na última década se faz presente em vários projetos de grandes nomes da arquitetura como Ken

Yeang, MVRDV, West 8, Jean Nouvel, Renzo Piano, ou Herzog & de Meuron. Na maioria desses projetos, destaca-se um argumento ecológico, ainda que com distinções e nuances. Em alguns casos, há uma assumida motivação ambiental, operada segundo diretrizes bioclimáticas, como ocorre com Ken Yeang; em outros, evidencia-se o caráter simbólico, como em MVRDV; e em muitos, a questão é nebulosa, algo dúbio, sugerindo-se de maneira mais indireta, subjetiva, privilegiando, sobretudo, uma sensibilização para com o tema.



Figuras 7, 8, 9, 10: Emilio Ambasz: Prefeitura de Fukuoka. Ken Yeang: Editt Tower. MVRDV: Pavilhão Holandês em Hanover. Jean Nouvel: Edifício em Kuala Lumpur.



Figuras 11, 12: Renzo Piano: California Academy of Sciences em San Francisco. Herzog & de Meuron: CaixaForum em Madrid.

Essas são propostas impactantes, inquietantes, que não parecem se caracterizar por uma nostálgica relação romântica com a questão da natureza, mas sim por uma postura crítica e ativa para com esta. Nessas obras, temos uma forma de mimese na qual a arquitetura não assume da natureza a forma, mas a matéria mesma. Assimila-se a vegetação com vigor, a ponto de transferir para esta grande parte do protagonismo e do caráter da obra. Trata-se, de certo modo, de uma operação mimética oposta à operada pela arquitetura topográfica: se na outra a obra se funde na paisagem, aqui é a vegetação que se funde na construção. Esta operação pode ser interpretada como uma invasão do invadido, um caminho inverso à ocupação e artificialização da paisagem natural, um caminho que aponta para uma outra vertente de dissolução dos limites entre o natural e o artificial. Essas arquiteturas põem de manifesto não apenas a assunção do natural pelo artificial, mas uma radical integração, uma integração que contempla a inevitabilidade do artificial e a possibilidade ou necessidade da presença do natural.

Curioso notar que esta integração sempre foi plenamente aceita no âmbito do urbanismo, mas parece soar ainda incômoda em aplicar-se no objeto arquitetônico. Enquanto ao verde lhe é permitida uma intersecção horizontalizada, seja ela urbana ou

em jardins privados, resiste-se a que escale verticalmente o objeto arquitetônico. Ou, posto de outro modo, o objeto arquitetônico parece resistir a uma incorporação mais efetiva da vegetação, tal como lhe permitiu a cidade. A razão para esta resistência parece transcender a simples restrições de ordem prática, construtiva, remetendo-nos à consideração conceitual dessa integração. A ambiguidade entre construção e vegetação, entre artifício e natureza, nos sugere significar uma ameaça ao estatuto de artificialidade da arquitetura, primordialmente ligado ao poder interventor do homem sobre a natureza. Há como um receio de que a natureza contamine a arquitetura, que enfraqueça sua identidade artificial. É como se a arquitetura, apegada a essa ancestral identidade artificial, tentasse mantê-la como um valor imaculado; frente a isso, a vegetação se apresenta como um elemento estranho, um intruso, um delito, um pecado.

Natureza e ciência

Às grandes mudanças científicas correspondem mudanças na visão de mundo, com todas as suas consequências; trata-se de uma dinâmica histórica, inevitável. A questão ecológica vem sendo, em boa parte, respaldada pela ciência da complexidade, que bem ilustra a significativa mudança que vem ocorrendo em nossa visão de mundo.

A ciência da complexidade, que trata fundamentalmente dos processos dinâmicos da natureza, vem se consolidando nas últimas décadas como um verdadeiro marco na história da ciência. Os conceitos vinculados às teorias que a compõe – a teoria do caos e as da auto-organização – têm sido assimilados e desenvolvidos em diversos campos do saber. Nesse processo, a comunidade científica vem demonstrando como todo o universo e seus componentes – da microescala atômica à macroescala das galáxias – definem-se como um conjunto de sistemas complexos e dinâmicos, em constante evolução para níveis cada vez mais altos de complexidade. A ciência da complexidade promove a consideração de uma natureza viva, fenomenológica, em detrimento da natureza mecânica, abstrata e idealizada da ciência clássica. Esta é, para o Prêmio Nobel Ilya Prigogine (1994), a grande metamorfose da ciência: a nova aliança entre a ciência e a natureza.¹

No bojo desta aliança apontada por Prigogine, a ciência da complexidade também promove, ou melhor, reforça, uma dupla conexão entre homem e natureza. Uma de ordem mais ontológica, na qual o homem reconhece na natureza uma mesma identidade complexa: o homem é um típico exemplo de ser auto-organizado, inserido, por sua vez, em uma sociedade igualmente auto-organizada, caótica, dinâmica e complexa. Mais que fazer parte da natureza, somos de uma mesma natureza complexa. Outra, mais pragmática, relacionada à sobrevivência humana, onde as teorias da auto-

¹ Este é o título do livro de Prigogine: *A nova aliança: metamorfose da ciência*.

organização desvelam a inexorabilidade e a importância da inter-relação entre os sistemas para sua evolução e sobrevivência. Em ambas as considerações se evidenciam uma relação de mais consideração do homem para com a natureza, forjando-se uma nova visão de natureza.

Como afirma o filósofo Michel Ribon (1991),

Nós aprendemos da natureza somente por meio da idéia de que dela formamos: uma idéia cultural, vinculada à verdade do homem e do mundo, que a história humana, tanto por meio da arte quanto da filosofia e da ciência, não cessa de elaborar e questionar.²

Conclusões

Nas estratégias de projeto mencionadas nos deparamos com um incremento do referencial natural no projeto e, mais importante, com uma série de questões que nos fazem refletir sobre novas relações entre a arquitetura e a natureza. Deparamos-nos com questionamentos sobre nossa capacidade de perceber o entorno natural, sobre a tendência a sobrevalorizar a obra arquitetônica em detrimento do elemento natural, e com uma inquietante dialética entre artifício e natureza, que põe em cheque o estatuto de artificialidade como valor arquitetônico, estatuto sobre o qual se projeta a sombra da dominação da natureza pelo homem.

Como substrato cultural sincrônico, essa dialética se vê reforçada pela ciência contemporânea, que nos apresenta uma nova visão de natureza, marcada pela complexidade, pelo dinamismo, e por uma nova aliança entre homem e natureza. Trata-se de uma visão de natureza que se funde com nossa visão de mundo, e que supera, tanto na ciência quanto na cultura contemporâneas, os principais paradigmas fundantes da modernidade.

Bibliografia

- <<*Architectural Design: Green Architecture*>>, (2004), Vol. 68, Nº 04. London: Wiley-Academy.
- GAUSA, Manuel (2001) – *Otras “naturalezas” urbanas: Arquitectura es (ahora) geografía*. [Valencia]: Generalitat Valenciana.
- GREGOTTI, Vittorio. (1996) – Territory and architecture. In NESBITT, K., Ed. – *Theorizing a new agenda for architecture: An anthology of architectural theory 1965-1995*. New York: Princeton Architectural Press.

² RIBON, 1991: 19

- GREGOTTI, Vittorio (1967) – *Architecture as Communication. Environment for Communication*. New York: Vision 67.
- GRILLO, Antonio Carlos (2004) – *La arquitectura y la naturaleza compleja: arquitectura, ciencia y mimesis a finales de siglo XX*. 2005. 213p. Tese de doutoramento. Disponível em <<http://www.tdx.cat/bitstream/handle/10803/6087/01ACdgo1de01.pdf?sequence=1>>. [Consulta realizada em 30/11/2013].
- GUATTARY, Félix (1991). *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus Editora, 3ª ed.
- HARVEY, David (1996). *Condição Pós-moderna: Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola.
- RIBON, Michel (1991). *A Arte e a Natureza: ensaios e textos*. Campinas: Papirus Editora.
- IBELINGS, Hans; HOOGENWONING, Anne, OOSTERHEERD; Ingrid; VERSTEGEN, Ton, Eds. (2000) – *Paisajes artificiales: Arquitectura, urbanismo y paisajismo contemporáneos en Holanda*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili.
- MONEO, Rafael (1999) – *Paradigmas de fin de siglo: los noventa, entre la fragmentación y la compacidad*. <<Arquitectura Viva >>, Nº 66. Madrid: Arquitectura Viva.
- MORIN, Edgar (1994) – *Introducción al pensamiento complejo*. Barcelona: Gedisa, 1994.
- PRIGOGINE, Ilya; STENGERS, Isabelle (1994) – *La Nueva Alianza: Metamorfosis de la ciencia*. Madrid: Alianza Universidad, Ed. corregida y ampliada.
- SERRES, Michel (1991). *El contrato natural*. Valencia: Pre-textos.
- WINES, James (2000). *Green Architecture*. Köln: Taschen.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pelo apoio financeiro à pesquisa que originou o trabalho.

À Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, pelo apoio financeiro à participação no evento.